

Tradução de um trecho do jornal *Le Pays* sobre as *Mémoires de Madame d'Aulnoy* sobre a corte e a cidade de Madrid no final do século XVII¹

Ana Carolina de Freitas²
Universidade Federal de Santa Catarina

Sabe-se quais recursos preciosos ofereceram ao historiador, as numerosas memórias espalhadas nas bibliotecas públicas ou nas dos colecionadores, quando se trata sobretudo de pintar os modos de uma época. Entre os do século XVIII, é um volume que, por causa das circunstâncias atuais, merecia ser tirado do esquecimento onde estava desaparecido à muito tempo, e que madame Carey acaba de conseguir a publicação na editora Plon. Quero falar da corte e da cidade de Madrid no final do século XVII, pela condessa d'Aulnoy.

Madame d'Aulnoy se fez conhecer sobretudo pelos seus contos de fadas e outros escritos do mesmo tipo que só dão uma ideia muito falsa do verdadeiro tour de seu poder criativo.

Dotada de uma delicada fineza, ela sabia observar e pintar, mas o hábito de escrever histórias imaginárias influencia às vezes sua narração, que ela semeia anedotas que não são sem charme e que diferenciará facilmente, da verdadeira história; Madame Carey tendo tido cuidado de lhes isolar. Essas anedotas, esses contos, são intervalos destinados, no pensamento do autor, à contar com a atenção do leitor, que é logo levado novamente ao ponto principal do livro.

Madame d'Aulnoy nos entretém com todos os incidentes de sua viagem, lugares perigosos que ela encontra, da abominável preciosa que se manda fazer na recepção que recebe em Madrid. Ela vai visitar as damas da corte, assiste ao *toilette* delas, se mistura aos ajustamentos das verdadeiras mulheres, do tipo de vida delas, dos negócios da casa delas, e passando, recolhe as histórias escandalosas do dia. Ela é apresentada à duas rainhas, e

¹ ALLETZ, Édouard et al. *Le Pays : journal des volontés de la France: Faits divers*. 1874. Bibliothèque nationale de France. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k46707707/f4.item.r=correspondances%20aulnoy.zoom>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

² Mestranda em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: anacarolzen9@gmail.com.

como fala o castelhano, logo está à par de todas as intrigas do palácio e faz um quadro completo dos mesmos.

Nada de mais curioso que os detalhes dos usos e costumes os quais ela introduz sobre os espanhóis de seu tempo. Estes usos e costumes, tão estranhos à nossos olhos, estão em grande parte perpetuados até os dias de hoje, e ainda existem inúmeros vestígios. Madame Carey não faltou em lhes fazer sobressair nas notas e peças juntadas por ela, colhidas todas as informações das mais certas, e não é um dos menores atrativos desta restituição literária e histórica tão felizmente tentada.

Eis o traço do temperamento dos espanhóis: “A preocupação com o futuro deles não lhes dá nenhuma apreensão. O único ponto que eles não são indiferentes, diz Madame d’Aulnoy, é sobre o ciúme; eles o tem até onde pode ir. A simples suspeita, basta, para apunhalar sua mulher ou sua amante. O amor deles é sempre um amor violento, e no entanto as mulheres encontram aprovação”.

Elas dizem que não importa como tudo que pode lhes acontecer de mais lamentável, não gostariam de lhes ver menos sensíveis à uma infidelidade, que lhes desespera é uma prova da paixão deles, e elas não são mais moderadas que eles quando amam. Elas colocam tudo em prática para se vingar, de maneira que os grandes apegos terminam de ordinário por qualquer catástrofe funesta.

“Há pouco que uma mulher excelente, realizou-se ao reclamar de seu amante, encontrou o momento de lhe mandar vir em uma casa que ela era dona, e depois de lhe ter feitos grandes censuras, lhe apresentou um punhal e uma xícara de chocolate envenenada, lhe deixando somente a liberdade de escolher o tipo de morte. Ela não consagrou um momento para lhe tocar piedade. Viu que era a mais forte deste lugar, de maneira que ele tomou friamente o chocolate e não deixou uma gota. Depois de ter bebido, ele lhe disse: “Ele teria estado melhor, se você tivesse colocado mais açúcar, pois o veneno o deixa muito amargo : lembre-se para o primeiro que você preparará” as convulsões o pegaram quase logo, e esta senhora, que ainda o amava apaixonadamente, teve a barbárie de só lhe deixar quando ele tivesse morto.

Sem ir à Espanha, poderia encontrar mais de uma mulher que, se ela fosse sincera, não desaprovava esta maneira de se vingar. Se Salomon não se enganasse dizendo: “A raiva do leão vale mais que a doçura da mulher”, o que ele teria dito do furor desta aqui?

É necessário felicitar Madame Carey da reimpressão destas *Mémoires* da condessa d’Aulnoy, pois elas são verdadeiramente interessantes para o estudo dos usos e costumes espanhóis do século XVII.